

**A HISTÓRIA DA LITERATURA BRASILEIRA (SEUS FUNDAMENTOS
ECONÔMICOS), DE NELSON WERNECK SODRÉ –
Uma obra à sombra de novos e velhos conceitos**

Juliana de Souza da Silva¹ (FURG)

O presente trabalho estabelece uma proposta de (re)leitura da *História da literatura brasileira* (1982), de Nelson Werneck Sodré. Publicada, primeiramente, em 1938, com o subtítulo “Seus fundamentos econômicos” e passando por diversas reescrituras até 1960, a obra constitui um projeto até então inédito, no âmbito da historiografia literária brasileira. Trata-se da tentativa de explicar o desenvolvimento da nossa literatura por meio de fundamentos de ordem econômica. Ao longo deste estudo, observaremos como o historiador desenvolve a sua história literária, atentando para os seus acertos e as suas possíveis falhas e, ainda, buscando entender em que medida o seu trabalho se aproxima e/ou se distancia de seus precursores Silvio Romero e José Veríssimo.

Militar do Exército, historiador, crítico literário e jornalista, Nelson Werneck Sodré (1911-1999) figurou como um dos maiores intelectuais brasileiros do século XX.² Sua estreia foi aos vinte e sete anos de idade com a *História da literatura brasileira: seus fundamentos econômicos*³. Nesse projeto inovador de uma abordagem marxista da literatura, Sodré enfrentou algumas dificuldades. Vinte anos após a produção do livro, o autor declara que, naquela época, não estava plenamente em condições de escrevê-lo. Ele (1988: 89) explica que sua bagagem de leitura era insuficiente, pois tivera contato apenas com parte do que se havia produzido nos domínios da crítica e da história da literatura nacional e, ainda, carecia de mais conhecimentos sobre o materialismo histórico. O historiador certamente sabia que

¹ Bolsista CAPES.

² Com uma posição política assumidamente marxista, Sodré se dedicou à reconstituição da história da cultura, da política e da economia do Brasil, publicando obras como: *Panorama do Segundo Império* (1939), *Formação da sociedade brasileira* (1944), *O que se deve ler para conhecer o Brasil* (1945), *Introdução à revolução brasileira* (1958), *A ideologia do colonialismo* (1961), *Formação histórica do Brasil* (1962), *História da burguesia brasileira* (1964), *História militar do Brasil* (1965), *As razões da Independência* (1965), *História da imprensa no Brasil* (1966).

³ O contexto de produção desse livro abriga um fato curioso: em 1937, numa conversa com o amigo Galeão Coutinho, na época dono da editora Cultura Brasileira, Sodré lança a ideia de produzir uma “nova história da literatura brasileira”, cuja inovação residia no método: o materialismo histórico; com o entusiasmo do amigo, ele assegura a entrega dos originais do livro em poucos meses, alegando ter o trabalho adiantado, quando, na verdade, não havia nada escrito. Essa história é narrada por Sodré na obra *Em defesa da cultura* (1988), em que traça um panorama da produção cultural brasileira e reconstitui a sua formação intelectual e produção crítica.

muitos estudiosos que adotavam a teoria marxista acabavam esbarrando em um mecanicismo, no qual as relações se reduziam a simples causa e efeito.

No período em que Sodré publicou o livro, estava em pleno vigor, no Brasil, uma dura política cultural, imposta pelo governo ditatorial de Getúlio Vargas, que não permitia a publicação de obras que mantivessem vínculos com o Marxismo. Por essa razão, o subtítulo original da história literária, que seria “Seus fundamentos materialistas”, foi substituído por “Seus fundamentos econômicos”, a fim de evitar a censura. Todavia, nessa troca, conforme o próprio escritor reconhece, o leitor era induzido a uma interpretação equivocada da proposta da obra, imaginando uma ligação direta entre as questões econômicas e a literatura, ou seja, que se tratava de um materialismo vulgar.

Em 1960⁴, Sodré lançou uma terceira edição do livro com mudanças que alteravam integralmente o texto de 1938 e o de 1940. A obra que analisamos no nosso trabalho é a sétima edição atualizada, publicada em 1982. Nela houve a subtração do polêmico subtítulo, restando apenas o título *História da literatura brasileira*. Percebemos que esse título evoca uma perspectiva “generalizadora”, como se o livro englobasse o nosso passado literário na sua totalidade e, em decorrência disso, correspondesse à verdadeira e real representação do processo de formação da literatura brasileira. Ora, sabemos que não existe uma forma única de interpretar e historiar o desenvolvimento literário, mas várias formas que dependem do sujeito que escreve, do método que adota, das suas concepções de história, literatura, história da literatura, das suas escolhas e suas motivações, etc.

Na Introdução⁵ da obra, Sodré apresenta os fundamentos que nortearam a construção da sua história literária. Para ele, o historiador literário não pode omitir o quadro social de uma comunidade, partindo do critério de que “uma obra de arte nasce inteira e acabada da cabeça dos autores, sem raízes, sem condicionamentos, sem nenhum laço com o meio” (SODRÉ, 1982: 3). Ele compreende que o desenvolvimento literário de uma nação, em um dado período, não pode ser explicado sem considerar as condições do meio e do tempo. O escritor destaca Silvio Romero e José Veríssimo, por tentarem evidenciar os estreitos laços que ligam a manifestação literária ao meio social. Mas também censura as histórias da literatura que se reduzem a uma mera enumeração de autores e suas obras e conferem uma ênfase excessiva às informações biográficas, provocando o que ele denomina como “falseamento da realidade”. Ao recusar a concepção da obra enquanto projeção do sujeito que a

⁴ No mesmo período surgiam a *Formação da literatura brasileira* (1959), de Antonio Candido e *A literatura no Brasil* (1955-1959), com organização e introdução de Afrânio Coutinho.

⁵ Essa Introdução foi incorporada à obra a partir da edição de 1960.

escreve, sem ligação com o meio, Sodré – diferentemente de José Veríssimo (1916), que integra os elementos biográficos ao corpo do texto – apresenta as informações acerca da vida de cada escritor em notas de rodapé reunidas no final de cada capítulo.

Se, por um lado, o autor nega a autonomia do fenômeno artístico, por outro lado, reconhece o risco de se deixar seduzir pelo extremo oposto: pensar a obra enquanto reflexo do meio. Consciente desse perigo, Sodré pretende ir à contramão dessa perspectiva determinista, mas insiste na subordinação da produção literária aos fundamentos de natureza econômica. Na concepção do historiador, a manifestação artística mantém uma ligação indissolúvel com a esfera social, logo, ao abordar a evolução de uma literatura é preciso levar em conta o meio histórico, econômico e social. Para legitimar esse ponto de vista, Sodré (1982) recupera os postulados de Georg Lukács, filósofo húngaro que se dedicou ao estudo dos problemas teóricos da literatura e da crítica literária à luz dos pressupostos marxistas. Em um ensaio intitulado “Introdução aos escritos estéticos de Marx e Engels”, Lukács (1968: 15) expõe que nenhum campo de atividade humana possui uma história autônoma, uma vez que o desenvolvimento de cada um é determinado pelo “curso de toda a história da produção social, no seu conjunto”. Só é viável entender a evolução da ciência ou da arte, se considerarmos a sua conexão (não direta e nem mecânica) com a evolução das forças sociais produtivas. Então, o nascimento e o desenvolvimento de uma literatura não podem ser explicados isoladamente, como esclarece o intelectual:

A existência e a essência, a gênese e a eficácia da literatura só podem ser compreendidas e explicadas no quadro histórico geral de todo o sistema. A gênese e o desenvolvimento da literatura são parte do processo histórico geral da sociedade. A essência e o valor estético das obras literárias, bem como a influência exercida por elas, constituem parte daquele processo social geral e unitário através do qual o homem faz o seu mundo pela sua própria consciência. (LUKÁCS, 1968: 15)

Ainda que reconheça os esforços de Romero e Veríssimo, Sodré observa que nas suas histórias literárias está ausente o método, pois ambos trabalham empiricamente. Diferentemente de seus antecessores, o historiador garante um método histórico: o materialismo histórico e dialético. Para justificar a escolha do autor retomamos Lukács (1968: 16) que assegura que “só a partir do materialismo histórico podem ser compreendidas a gênese da arte e da literatura, as leis do seu desenvolvimento, as suas transformações, as linhas de ascensão e queda no interior do processo do conjunto”.

Embora argumente a viabilidade do método, Sodré tenta ser cauteloso. Na sua percepção, não é uma “espécie de chave universal que abre por si só todas as portas do entendimento” (SODRÉ, 1982: 7). O escritor faz menção à vulgarização do

materialismo histórico, em que se verifica equivocadamente uma simples relação mecânica entre as manifestações artísticas e as forças econômicas. Amparado pela autoridade de Lukács, o historiador nega a existência de qualquer lei de causa e consequência e, por meio da constatação da condição mutável da realidade, admite que, entre a evolução material e a evolução da literatura nacional, há uma complexa rede de interações.

Contudo, a proposta de uma visão dialética das relações entre a produção literária e as condições econômicas, tal qual é delineada, nem sempre coincide com o exposto na história marxista da literatura brasileira de Nelson Werneck Sodré. Ao longo da narrativa, em alguns momentos,   possível identificarmos um nexo causal entre o plano literário e o econ mico. A media o entre literatura e sociedade   traduzida pela ideia de que a produ o literária desenvolve-se paralelamente   evolu o das forças econômicas. Mas, às vezes, as forças materiais parecem ser supervalorizadas, como se fossem elas que determinassem o desenvolvimento literário.

Voltando   Introdu o, reparamos que Sodré (1982: 26) v  a sua obra como o esboço de uma história da literatura: “Com o texto presente, fica integralmente substituído o que serviu   segunda edi o. Não pode ser apresentado como definitivo – mas já   um rascunho do que, em futuro previsível, poderá vir a ser uma história da literatura brasileira.” Letícia Mallard (1995) entende que com esse discurso o historiador desconstrói a proje o de texto completo e acabado, compreendida no título. No entanto, o “caráter de rascunho” que, segundo a autora, Sodré d    sua história literária, parece-nos relativo. De fato, estamos diante de uma história da literatura de mais de seiscentas páginas, com uma se o introdutória e vinte e dois capítulos, nos quais Sodré narra as condi es econômicas, sociais e políticas de cada período histórico e aborda suas produ es literárias (desde as incipientes primeiras manifesta es até as elabora es mais próximas de uma literatura brasileira autônoma), sem contar as extensas notas explicativas e as indica es de bibliografias para consulta.

Quanto   estrutura, além da introdu o inicial, o livro   dividido em três partes principais: “Literatura colonial”, “Esboço de literatura nacional” e “Literatura nacional”. Na primeira, como indica o título, o autor relata a existência de uma literatura que ainda se mant m vinculada   portuguesa, apesar de contemplar algumas manifesta es locais. Poderíamos interrogar por que a história da nossa literatura inicia em um momento no qual o que aqui se escrevia era dado como imita o de Portugal. José Veríssimo, em sua história da literatura publicada primeiramente em 1916, atesta a precariedade dessa literatura colonial, mas afirma que a relevância em

abordar obras de pouco valor estético estaria no fato de terem sido esses escritores “os iniciadores, precursores e inspiradores” de nossas primeiras manifestações literárias. Aproximando-se dessa perspectiva, Sodré (1982: 4) registra que o motivo essencial consiste em entender porque “eles [os escritores] eram fracos e isolados, por que a manifestação literária era pobre, uma vez que sobre esses alicerces frágeis é que repousou tudo que se fez depois”. Nesse sentido, para o historiador, o regresso ao que ele nomeia como “obscuro passado” do nosso país se justifica porque sem este não seria possível entender a produção literária contemporânea.

A segunda unidade, “Esboço de literatura nacional”, engloba capítulos referentes à origem do Romantismo, ao declínio da escola e à subsequente emergência do Naturalismo na prosa e do Parnasianismo e do Simbolismo na poesia. Além disso, nessa parte o autor apresenta uma pintura dos quadros sociais que serviram de cenário para as transições das escolas. O historiador demonstra que na fase romântica e nas correntes que a sucederam, não dispúnhamos de uma literatura que se pudesse nomear “nacional”, por isso, o emprego do termo “esboço”.

Cabe-nos destacar que, na percepção de Veríssimo (1996), com a independência política do Brasil e a ascensão do Romantismo é possível distinguir o princípio de uma literatura nacional. Já Sodré, mesmo admitindo o esforço dos escritores românticos para estabelecer uma literatura de feições nacionais, assinala que somente no Modernismo, a partir dos anos de 1930 do século XX, existem condições sociais ideais para permitir uma produção cultural autêntica. Para ele, o quadro do Romantismo ainda denunciava uma estrutura político-econômica vinculada à herança colonial, implicando a manutenção de uma cultura transplantada e que inibia uma verdadeira literatura nacional. Quando esse cenário começa a se diluir, nos três primeiros decênios do século XX, com ascensão da burguesia e o surgimento da classe operária, gera-se o impulso para o desenvolvimento de uma produção literária original, autônoma:

Só na medida em que as condições econômicas evoluem, refletindo-se na ordem social, pela definição de classes e pelo papel que elas representam, conduzindo à formação de uma estrutura nacional de produção, é que surgem as possibilidades para o aparecimento de uma literatura nacional. Confundir, pois, como fizeram muitos dos nossos ensaístas, críticos e historiadores, o aparecimento do Romantismo entre nós com a definição literária de traços próprios, não representa mais do que evidente falseamento da realidade. (SODRÉ, 1982: 19)

Vemos que Sodré, nessa segunda unidade, recupera uma tese defendida por Silvio Romero (1888): a questão da transplantação cultural. Na visão de Romero, a

nossa cultura intelectual constituía uma cultura transplantada, de origem lusitana (NUNES, 1998: 232). Sodré não apenas sugere que a produção literária no Brasil estava atrelada a uma herança colonial, mas, conforme Benedito Nunes (1998: 237), adiciona “o ônus da colonização: os mecanismos conjuntos de exploração econômica e de dominação política”. Nunes argumenta ainda que:

Essa estrutura do colonialismo com sua ideologia, arraigados à cultura transplantada e aqui transformada, impediram a posse de uma real autonomia literária, somente efetivada quando, com o aumento da classe média e o aparecimento da classe operária, que Sodré alinha entre as causas da Revolução de 30, se reuniram condições para o desenvolvimento econômico regular do país. (NUNES, 1998: 239)

A terceira unidade, denominada “Literatura nacional”, revela o Modernismo e a consolidação da literatura brasileira⁶. Sodré separa o movimento modernista em duas fases: a primeira, denominada heroica, com o predomínio da poesia sobre a prosa, começa em 1917 e termina em 1929; a segunda, quando a prosa se fortalece, tem como marco inicial o ano de 1930, finalizando em 1945. Essa última fase culmina com um período de (relativa) liberdade, que dura até 1935, quando surge uma forte repressão política que vai de 1935 a 1942. A partir de 1945, no quadro social se desenrola a revolução burguesa, com a “tácita aliança da burguesia e das camadas e classes que constituíam, então, o povo brasileiro” (SODRÉ, 1982: 580). Nesse momento, como já mencionamos, as condições sociais se tornam propícias ao aparecimento de uma literatura autêntica – uma literatura nacional.

Sodré finaliza a sua história literária com um capítulo que chama “A crise formalista” – que significa, para ele, um retrocesso, pois impõe a concepção da obra como uma manifestação artística autônoma. Veríssimo, em sua história da literatura, também expressa um desencanto frente ao presente vivenciado por ele. Para o crítico a produção literária entrava em uma fase de declínio. No caso de Sodré, quando elabora a versão da obra publicada em 1960, o quadro social é marcado por uma prolongada crise política. O historiador indica que a luta ideológica deflagrada por essa tensão se reflete no âmbito da literatura com o avanço de um formalismo científico. De acordo com o escritor, a ênfase sobre o plano formal correspondia a uma crise da literatura, porque impunha uma tentativa de desligamento do autor da realidade, indiferente aos problemas da sociedade e, além disso, significava um declínio, um empobrecimento no âmbito da criação e da crítica literária.

⁶ Segundo Nunes (1998), o movimento modernista surge como marco referencial para as histórias literárias.

Contudo, a visão Sodré sobre o (seu) presente não é totalmente negativa. Ele (1982: 595) acredita que “[...] a reação formalista que se desenvolve em todos os gêneros não representa senão um dos lados da literatura brasileira após 1945, quando o Modernismo chega ao fim”. O momento contemporâneo a ele se afigura como resultado de uma evolução, que segue rumo ao progresso com a emergência de obras de autores consagrados como Clarice Lispector e Guimarães Rosa. O historiador admite que o período convive com avanços na poesia popular, na crônica e na ficção, através da continuidade desses escritores que já produziam e do surgimento de novos nomes e novas criações.

A organização dos acontecimentos, das obras e dos autores, enfim, do conteúdo de uma história literária não configura um problema para Sodré. O autor (1982, p. 23) esclarece que, em seu trabalho, não há “pelo menos como preocupação destacada, a ideia de subordinação às categorias aceitas e repetidas, de periodicidade, de escolas, de precedências, de inovações, de autorias.” Na avaliação de Mallard (1995), ele acredita que o encadeamento de períodos, fases ou escolas se justifica quando existe um destaque para o que emerge como novidade.

Ao mesmo tempo, em relação às divisões, aos esquemas e às datas aplicadas às escolas literárias, Sodré produz uma espécie de “autodefesa”. Ele tenta se eximir das limitações existentes no estabelecimento de esquemas e datas. O autor se mostra consciente da “artificialidade” dessas demarcações que dão conta do início e do fim de uma escola. Sobre tal aspecto ele afirma que:

Delimitar no tempo o início e o fim dos movimentos culturais, como o Modernismo, é sempre difícil, e a mesma dificuldade se apresenta quando se trata de apreciar a passagem de um movimento a outro, de uma fase a outra. A complexidade dos processos culturais resiste aos esquemas, divisões e delimitações. As mudanças não são marcadas por datas ou acontecimentos especiais, ainda que, por vezes, escolhas convencionais pretendam fixá-las assim. (SODRÉ, 1982: 559)

Finalmente, verificamos que a maneira como está disposta a série de acontecimentos narrados por Sodré aparenta ocultar uma ordem “evolutiva”, como demonstram os títulos das três grandes unidades da obra: “Literatura colonial”, “Esboço de literatura nacional” e “Literatura nacional”. Em seu relato, o historiador parte do passado colonial, passa pelas produções românticas, que já projetavam um caráter nacional, percorre as criações naturalistas, regionalistas, parnasianas e simbolistas e chega ao advento do Modernismo, que vai corresponder ao desenvolvimento de uma literatura autônoma. Da imitação portuguesa até as manifestações originais de uma autêntica literatura nacional, subjaz uma linha

evolutiva que nos direciona a uma noção de progresso – conforme evoluem as condições econômicas, evoluem as manifestações artísticas.

No decorrer da nossa leitura da obra de Sodré, constatamos que ele comete uma grave falha ao deixar que o texto literário perca o seu espaço. Afinal, esperamos que em uma história literária o “texto” seja o protagonista, no entanto, isso não acontece. Na perspectiva de Mallard (1995), o escritor não considera essencial a análise dos elementos textuais. A autora (1995: 66) alega que essa “  a maior crítica que se pode fazer a sua *História*, onde a ausência de trechos literários exemplificadores   sentida de ponta a ponta”.

Porém, esse lapso não prejudica a coerência e a plausibilidade da narrativa de Sodré. Os pontos essenciais (início, meio e fim) estão, de tal forma, encaixados e os argumentos do historiador são tão consistentes que ao final da leitura somos direcionados a concordar com o relato apresentado. Como sugeriu o estudioso David Perkins (1999: 22) “a maior parte da narrativa histórico literária   sobrecarregada pelo comentário”. A explica o está, de acordo com o teórico, na ideia de que o historiador da literatura deseja nos convencer, nos persuadir de que a sua versão dos acontecimentos do passado   verdadeira.

Nessa breve apresenta o de como Nelson Werneck Sodré constrói a sua história marxista da literatura brasileira, percebemos que a media o entre o literário e o social, por vezes, esconde uma rela o puramente causal, em que as manifesta es artísticas se revelam subordinadas às condi es econômicas. Mas, isso não significa que essa obra deva ser desprezada ou considerada menor. Como outras histórias literárias ela também pode conter limita es. Perkins (1999) expressa que estar diante de uma representa o incompleta do passado literário, não atesta a sua falsidade, mas apenas nos indica que não existe uma representa o fiel.

Além disso, observamos que, apesar de promover uma história da literatura de caráter inovador e contraideol gico (MALLARD, 1995), Sodré ancora seu trabalho em algumas teses postuladas por S lvio Romero e José Veríssimo. Um dos exemplos, como vimos,   a ideia da transplanta o cultural, que o autor recupera da obra de Romero. No caso de Veríssimo, Sodré retoma a visão da literatura colonial como imita o da metrópole portuguesa. Desse modo, o escritor esboça uma espécie de “concordância” com uma tradi o na história da literatura brasileira. Isso nos reenvia às reflexões de Perkins (1999), para quem as histórias literárias são produzidas a partir das suas antecessoras. O teórico (1999: 45) supõe que “não apenas suas classifica es, mas também seus enredos são derivados de histórias anteriores.”.

Logo, o historiador da literatura afirma a autoridade de sua história se valendo da autoridade dos historiadores que o antecederam⁷, aspecto presente na obra de Sodré.

De outra forma, também notamos que o historiador nem sempre concorda com essa tradição. A história literária analisada se contrapõe às obras de seus precursores ao evidenciar a existência de uma literatura nacional apenas no período modernista. Como vimos anteriormente, Sodré entende que o que se produziu antes (no Romantismo) era somente um “esboço” de uma literatura, ainda não amadurecida, não autêntica. Concluimos, então, que a sua obra é inovadora não apenas ao propor uma abordagem marxista da literatura, mas também ao postular o Modernismo como marco de uma produção literária autônoma.

Mallard (1995: 72) acredita que “a *História* de Sodré, colocada na balança de erros e acertos, pesa muito mais para os acertos”. Nessas circunstâncias e a partir do que foi exposto neste trabalho, consideramos necessário recuperar essa obra que, às vezes, encontramos esquecida nas estantes de nossas bibliotecas. A *História da literatura brasileira* de Nelson Werneck Sodré é, sem dúvida, um exemplo destacado de erudição e conhecimento aplicado sobre as questões histórico-econômicas do nosso país e as propriamente literárias. Sendo ainda, leitura indispensável para a compreensão do percurso da historiografia literária brasileira.

REFERÊNCIAS

LUKÁCS, Georg. Introdução aos escritos estéticos de Marx e Engels. In: *Ensaio sobre literatura*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968. p. 13-45.

MALLARD, Letícia. Nelson Werneck Sodré: a ruptura e o reflexo. In: *História da literatura: ensaios*. Campinas: UNICAMP, 1995. p. 55-73.

NUNES, Benedito. Historiografia literária no Brasil. In: _____. *Crivo de papel*. São Paulo: Ática, 1998. p. 205-246.

PERKINS, David. História da literatura e narração. *Cadernos do Centro de Pesquisas Literárias da PUCRS*, Porto Alegre, v. 3, n. 1, mar. 1999. Série Traduções.

SODRÉ, Nelson Werneck. *História da literatura brasileira*. São Paulo: DIFEL, 1982.

⁷ Além das obras de Romero e Veríssimo, no campo da escrita historiográfica literária, até 1938, data da primeira edição da *História da literatura brasileira* de Nelson Werneck Sodré, havia as histórias de Ronald de Carvalho (1919) e Artur Mota (1930), esta última menos abrangente, indo até o século XVIII, em virtude da morte do escritor (MALLARD, 1995: 57).

_____. *Em defesa da cultura*. Rio de Janeiro: Bertrand, 1988.

VERÍSSIMO, José. *História da literatura brasileira: de Bento Teixeira (1601) a Machado de Assis (1908)*. Erechim: Edelbra, 1996.